



ENTREVISTA COM ANA AMÁLIA BARBOSA

Autora – Jurema L. F. Sampaio

Ju - A UDESC está preparando um número especial da revista deles, sobre arte & inclusão, e a Cristina Rosa me "encomendou" uma "entrevista com um artista com necessidades especiais"...

Eu queria entrevistar vc! :-) Vc topa?

Mas eu queria falar da artista Ana Amália e, na verdade, mais te ouvir do que perguntar algo específico mesmo. O que vc acha?

Ana Amália - Oi Ju,

É claro que topo.

Façamos o seguinte:

Me manda as perguntas por e-mail e lembre-se que eu demoro um pouco.

Bjos

AA

Ju - Oi Ana!

Fico muito feliz que tenha aceito minha proposta! Tenho certeza que será uma ótima contribuição para nossa área!

Vamos fazer assim, então, como vc pede. Mando as perguntas aqui e, como vou viajar e só volto em 5 de agosto, podemos agendar o retorno para 7 de agosto, uma segunda-feira?



Figura 1 - Cadeiravore, ano, 2006

ENTREVISTA

Ju - Não é segredo algum seu AVC e a consequente “síndrome do encarceramento” (*locked in*). Sua defesa de doutorado foi um marco histórico no Brasil, e muito noticiada, em vários veículos. Com certeza a conquista foi um grande feito, com citação em sessão no Congresso Nacional e o destaque que a Folha fez ao fato de que você ser “a primeira pessoa na sua condição” a conquistar o “título de doutora em arte e educação pela USP”. Você quer falar alguma coisa sobre isso, ainda? Ficou algum ponto obscuro na divulgação do seu trabalho como pesquisadora, que você gostaria de comentar? Você me conhece e sabe que eu não vou alterar absolutamente nada do que você disser! (ehhhe)

Ana Amália - **NÃO DEVO TER SIDO A PRIMEIRA. SE NÃO ME ENGANO TEVE UMA MENINA DA FARMACIA/USP, A LUCIANA SCOTTI.**

Ju - Se “dermos um Google” no seu nome, há uma grande quantidade de informação sobre a conquista dos títulos, a defesa de tese etc., mas, nessa conversa, eu queria falar um pouco mais da artista Ana Amália. :-)

Bastante gente conhece seu trabalho artístico pós-AVC, mas, o que tenho percebido, ainda que informalmente, é que muita gente não sabe que você já tinha um trabalho artístico, bastante consistente, com uma qualidade estética ótima, antes do AVC! Conte



um pouco do seu percurso e do seu processo criativo? Por que você é artista? Ou, melhor... Como a Ana Amália “virou” artista plástica?

COM OS PAIS QUE TENHO IMPOSSÍVEL NÃO VIRAR ARTISTA, FOMOS ALTAMENTE EXPOSTOS ÀS ARTES VISUAIS E À LITERATURA! MAS TENTAMOS: MEU IRMÃO ATÉ COMEÇOU A FACULDADE DE FÍSICA, NA USP, E EU, SÓ DESISTI DE FAZER BIOLOGIA "AOS 45 MINUTOS DO SEGUNDO TEMPO", E FIZ EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS. MINHA INTENÇÃO SEMPRE FOI LECIONAR, MAS PRODUZIR ARTE É UMA NECESSIDADE ORGÂNICA E DE TANTO OS AMIGOS INSISTIREM COMECEI A EXPOR.

Ju - Nesse trabalho artístico, pré-AVC, a temática das cadeiras já estava presente. Então, vamos falar objetivamente: Por que cadeiras? Há um ‘motivo’ para o tema, uma pesquisa por trás do tema? Como é?

Ana Amália - NA VERDADE, COMEÇOU MEIO POR ACASO. EU ESTAVA MORANDO E ESTUDANDO NO TEXAS E UM PROFESSOR PEDIU QUE DESENHASSEMOS OS MÓVEIS DOS NOSSOS QUARTOS. NO MEU TINHA DUAS CAMAS, UMA MESA E UMA CADEIRA, TUDO MUITO SIMPLES. O DESENHO DA CADEIRA FOI O QUE FICOU MELHOR. VOLTEI PARA O BRASIL E COMECEI A REPARAR NA DIVERSIDADE DO DESIGN DE CADEIRAS, DEPOIS COMECEI A OBSEVAR AS RELAÇÕES CRIADAS ATRAVÉS DAS CADEIRAS E COMECEI A REPARAR COMO ELAS FORAM RETRATADAS AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE. COMO QUALQUER OBSESSÃO OU VÍCIO, ELA FOI SE INSTALANDO DEVAGARZINHO. FUI TOTALMENTE DOMINADA.

Ju - O que você mais percebe, além das coisas óbvias (como os instrumentos e técnicas para fazer) que houve de mudança (e se houve!) em seu trabalho artístico pós-AVC?

Ana Amália - BOM, EU TIVE QUE REAPRENDER A PINTAR. TANTO OS MOVIMENTOS COMO OS MATERIAIS COM OS QUAIS POSSO TRABALHAR INFLUENCIAM O QUE FAÇO HOJE. ANTES DO AVC MEU TRABALHO ERA MUITO CEREBRAL, MAS DEPOIS FICOU MAIS ORGÂNICO E OS TEMAS CONTINUAM LÁ. A CADEIRA GANHOU RODAS E A SILHUETA DA MULHER VIROU FLOR.

Ju - Como você sabe, eu tenho um irmão cego, e uma das coisas que sempre comenta que o aborrece é quando as pessoas falam com minha cunhada, na frente dele, como se ele não estivesse presente, ou não fosse capaz de entender se a pessoa falasse diretamente com ele. Ele, que é muito bem-humorado, sempre responde que “ele não é surdo” (na terceira pessoa mesmo!), que a pessoa pode falar diretamente com ele. O que mostra claramente as dificuldades das pessoas em lidar com o diferente. Como é com você, em especial em relação ao seu trabalho artístico? Acontece algo assim? Mesmo com a particularidade do código de comunicação que você usa (e que, você sabe bem, como eu mesma, embora tente sempre, “me enrolo” muito para falar com você! O que é,



claro, um problema comigo, não com o método!), que pode dificultar um pouco o diálogo, você tem opiniões, pensa, enfim, você é uma pessoa, como qualquer outra, e uma artista, em primeiro lugar, antes de ser “a deficiente”. Ser identificada como “a artista tetraplégica” incomoda você?

Quanto ao seu trabalho artístico, como você gosta que seu trabalho seja visto? O que você gosta mais no seu trabalho? Faz diferença o destaque à condição de tetraplégica?

Ana Amália - NOSSA! DISPAROU, MAS VAMOS LÁ! É REALMENTE IRRITANTE, MAS, SE EU ME IRRITAR TODA VEZ QUE ALGUÉM ME TRATAR COMO SURDA OU DEFICIENTE MENTAL TEREI UMA ÚLCERA NO ESTÔMAGO. ENTÃO PREFIRO DAR RISADA, PORQUE SEI QUE QUANDO VEEM MEU TRABALHO E DESCOBREM COMO É FEITO MUDAM RADICALMENTE O COMPORTAMENTO COMIGO.

NÃO ME IMPORTO COM O RÓTULO "ARTISTA TETRAPLÉGICA" POIS É APENAS UM RÓTULO, COMO TANTOS OUTROS QUE JÁ TIVE. NÃO SOU A PRIMEIRA E NEM SEREI A ÚLTIMA "ARTISTA TETRAPLÉGICA" NO MUNDO. O SONHO DE TODO ARTISTA É O DE MUDAR O MUNDO COM SEU TRABALHO. EU NÃO CHEGO A TANTO, MAS "CUTUCO" E FAÇO AS PESSOAS PENSAREM NA DIFERENÇA.

Ju - Para finalizar, a pergunta mais do que óbvia: Quais são os planos para o futuro? hehehe

Ana Amália - ATUALMENTE (POR RAZÕES TAMBÉM ÓBVIAS) PENSO MAIS NO PRESENTE DO QUE NO FUTURO, E, NO PRESENTE, ESTOU EXPERIMENTANDO USAR O GIZ PASTEL SECO. POR CONTA DISSO, ESTOU REVISANDO TODO O EQUIPAMENTO ADAPTADO QUE USO PARA PINTAR. ESTOU TAMBÉM TENTANDO PINTAR COM COMPUTADOR.

Revista EAI, decidiu manter na íntegra todos os textos, modos de grafar da entrevista evidenciando as necessidades da entrevistada em escrever em caixa alta. Também preservamos os diálogos iniciais, as tratativas e contatos da entrevistadora com a entrevistada.

Agradecemos a disponibilidade das duas e compartilhamos com a autorização da entrevistada o link do fotoblog <http://aa-barbosa.nafoto.net/> da Doutora Ana Amália Tavares Bastos Barbosa a fim de que nossos autores possam conhecer de forma mais aprofundada o seu trabalho artístico.



A entrevistada publicou também em 2014 o livro intitulado *Além do Corpo: uma experiência em Arte/Educação*, pela editora Cortez.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317812022016190>